



Revista Saúde em Redes (ISSN 2446-4813), v. 7, Supl. 1 (2021).

O território CONVIDA a reexistir: ensaios e narrativas sobre respostas à pandemia nos pontos de atenção nos territórios onde a vida acontece

DOI: 10.18310/2446-48132021v7n1Sup.3370g797

ARTIGO ORIGINAL

(Capa: Márcio Mariath Belloc)

O (in)visível no (in)visível: um olhar psicanalítico sobre a relação entre a pandemia de COVID-19 e a vulnerabilidade social

The (in) visible in the (in) visible: a psychoanalytic view on the relationship between COVID-19 pandemic and social vulnerability

Francisco Jadson Franco Moreira

ORCID: 0000-0003-3141-4700

Escola de Saúde Pública do Ceará

E-mail: jadsonpsic@hotmail.com

Resumo:

A OMS declarou a COVID-19 em março de 2020, uma pandemia, quando todos os continentes confirmaram casos. Já foi detectado cerca de 330.000 casos em todo mundo, com mais de 14.000 óbitos, demonstrando sua transmissibilidade (número básico de reprodução - R0, estimado entre 1,4 a 5,5) e letalidade estimada em cerca de 4,1% (OMS, 2020). **Objetivo:** o estudo objetivou apresentar uma reflexão sobre Vulnerabilidade Social e Psicanálise no contexto da Pandemia na cidade de Fortaleza- Ceará- Brasil. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo do tipo reflexivo, realizado em agosto de 2020, por meio de levantamento bibliográfico sobre a temática.

Resultados: Apresentam reflexões sobre o laço social direcionado a aspecto da constituição humana e da sociedade em situação de vulnerabilidade social na luta contra o vírus invisível, o estudo elabora também correlações teóricas com conceitos da psicanálise. **Considerações Finais** pontua espaços de compreensão do ser humano, e oportunidades fundantes para refletir práxis, sobretudo do profissional de psicologia nos atuais dias.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19; Subjetividade;

Psicanálise; Vulnerabilidade Social.

Abstract:

WHO declared COVID-19 in March 2020 a pandemic, when all continents confirmed cases. Approximately 330,000 cases have been detected worldwide, with more than 14,000 deaths, demonstrating its transmissibility (basic reproduction number - R0, estimated between 1.4 to 5.5) and estimated lethality of about 4.1% (WHO, 2020).

Objective: the study aimed to present a reflection on Social Vulnerability and Psychoanalysis in the context of Pandemic in the city of Fortaleza- Ceará- Brazil. **Method:** This is a descriptive study of the reflective type, carried out in August 2020, through a bibliographic survey on the theme. **Results:** They present reflections on the social bond directed to aspects of human constitution and society in a situation of social vulnerability in the fight against the invisible virus, the study also elaborates theoretical correlations with concepts of psychoanalysis. **Final Considerations** punctuates spaces for understanding the human being, and founding opportunities to reflect on praxis, especially for psychology professionals these days.

Keywords: COVID-19; Subjectivity; Psychoanalysis; Social vulnerability.

Introdução:

Desde o início deste ano a humanidade assiste com espanto o avanço do novo coronavírus (SARS-CoV-2), pertencente à família *Coronaviridae*, que é responsável por provocar síndromes respiratórias leves, moderadas ou graves em alguns casos. *Corona Virus Disease* (COVID-19) é a doença e não o vírus e “19” representa 2019, ano em que surgiu. A patologia foi identificada pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças da China em dezembro de 2019, como a causa de um surto de doença respiratória, detectado pela primeira vez em Wuhan¹.

Os primeiros coronavírus em humanos foram isolados pela primeira vez em 1937. No entanto, foi em 1965 que o vírus foi descrito como coronavírus, em decorrência do perfil na microscopia, parecendo uma coroa. A maioria das pessoas se infectam com os coronavírus comuns ao longo da vida, sendo as crianças pequenas mais susceptíveis a se infectarem com o tipo mais comum do vírus¹.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, a epidemia como uma Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional. Em 11 de fevereiro de 2020, a OMS anunciou que o nome para a doença causada pelo novo coronavírus seria COVID-19. O vírus foi designado pelo Comitê Internacional de Taxonomia de Vírus como SARS-CoV-2, tendo em vista a semelhança do novo vírus com o CoV causador da Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS-CoV), identificado no final de 2002^{1,2}.

No mesmo dia, a epidemia registrou 42.708 casos na China e se espalhou para 25 países que registraram um total de 395 casos. A transmissão local limitada, fora da China foi relatada na Alemanha, França, Japão, Malásia, Cingapura, Coreia do Sul, Espanha, Tailândia, Vietnã, Emirados Árabes Unidos, Reino Unido e Estados Unidos da América².

A OMS declarou a COVID-19 em março de 2020, uma pandemia, quando todos os continentes confirmaram casos. Já foi detectado cerca de 330.000 casos em todo mundo, com mais de 14.000 óbitos, demonstrando sua transmissibilidade (número básico de reprodução - R0, estimado entre 1,4 a 5,5) e letalidade estimada em cerca de 4,1%¹.

No Brasil já foram detectados, até o dia 04 de julho de 2020, 1.545.458 casos e 63.295 óbitos³. Este rápido avanço, associado com desfechos desfavoráveis, tem causado apreensão para gerações e profissionais de saúde, assim como toda sociedade. Com transmissão comunitária em várias cidades brasileiras. No último boletim epidemiológico no município de Fortaleza, no período compreendido entre 29 de junho a 03 de julho, foram confirmados, por critério laboratorial, 36.099 casos, sendo que destes 3.495 foram óbitos⁴.

De acordo com Mônica Martins em videoconferência sobre o tema Pandemia, Demografia e Desigualdade Social, em 21 de abril de 2020 *“As maiores vítimas da pandemia são, inegavelmente, os trabalhadores temporários e sub-remunerados, os que vivem de atividades informais, os desempregados e os sem teto por habitarem as áreas mais precárias das grandes cidades brasileiras”*.

Dados divulgado pela Secretaria Municipal de Fortaleza, (2020)⁴, mostram que a taxa de mortalidade apresenta variações decorrentes das desigualdades socioeconômicas e de moradia, sendo relativamente baixa nos casos de Bairros com Maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)¹ o Meirelles (5%) e Fátima (11,9%) e bastante elevada em bairros com menor IDH, por exemplo na Barra do Ceará (28,57%) e Jangurussu (21, 42%), por exemplo.

Nesse contexto, se faz oportuno uma análise crítica com objetivo de apresentar uma reflexão sobre vulnerabilidade social e Psicanálise. O texto se divide em duas categorias: O laço social e a pandemia e do

¹ Segundo relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) de dezembro de 2019, o Brasil é o sétimo país do mundo com maior desigualdade social (índice de Gini de 0,533), apesar do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) relativamente alto (0,761)

inimigo invisível para o real do invisível.

Metodologia

Trata-se de um estudo teórico reflexivo, desenvolvido através da leitura crítica sobre vulnerabilidade social e psicanálise.

A estratégia metodológica utilizada para pesquisa deu-se por meio de levantamento bibliográfico através de documentos em formato eletrônico presentes na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nas seguintes bases de dados: Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-americana e do Caribe em ciências da Saúde (Lilacs) bem como de estudos das reportagens, indicadores e boletins epidemiológicos divulgados em portais oficiais. A coleta de dados ocorreu em junho e seguiu o percurso metodológico da revisão da literatura, de forma a sistematizar as informações em um corpo de conhecimentos sobre o assunto em estudo.

Os descritores utilizados para a busca do conhecimento e tessitura deste ensaio reflexivo foram: COVID-19; Psicanálise e Vulnerabilidade Social

Os critérios de inclusão dos estudos e documentos preestabelecidos foram o acesso a trabalhos na íntegra, publicações nos últimos meses, relevância temática e equivalência ao escopo do estudo. Foram excluídos editoriais, documentos que não apresentavam relevância com o tema.

A limitação do estudo foi percebida por ser, a emergência do COVID 19, assunto em construção no meio científico e ainda a concentração das publicações encontradas, estarem nos aspectos da história e evolução clínica de pacientes hospitalizados.

O laço social e a pandemia

Na perspectiva anunciada desse ensaio que se propõe a uma análise da atual conjuntura no contexto da pandemia COVID-19, é importante compreender o pressuposto teórico sobre laço social para Psicanálise.

Rosa (2015)⁵, refletirá que o laço social é direcionado a aspecto da constituição humana e da sociedade, pois é por meio deste aspecto que o sujeito adentra na linguagem e na cultura, colocando-o parte em dinâmicas sociais que reverberam nos âmbitos relacionais, libidinais, afetivos e cultural.

Lacan (1969-1970/1992)⁶, chamou de discurso os laços sociais tecidos e estruturados pela linguagem. O discurso do mestre é aquele no qual o poder faz laço social entre aquele que manda e aquele que trabalha. É o laço que permite governar.

Lacan baseou-se na dialética do senhor e do escravo tal como apresentada por Hegel na elucidação da constituição da consciência de si. Nesta, há uma articulação entre o desejo de um com o desejo do outro, entre a vida e a morte, entre o objeto e o gozo. Nesse discurso, o saber transformador representado pelo trabalho está do lado do escravo, embora ele não saiba disso, pois o mestre dita o que é a realidade, afirmando-a como verdade.

Nessa corrente, Lacan ⁷, em suas constatações que o ser humano é um ser atravessado por um banho de linguagem e com ele todo um esquema de significantes presentes na cultura, valoriza essa linguagem que, por sua vez, apresentará o inconsciente do sujeito pela sua fala, que pode-se apresentar de maneira verbal tipicamente, como também de maneira não-verbal. Com este banho de linguagem, com esta inserção na cultura que se utiliza da linguagem para relacionar-se, inicia-se assim, um laço social, que por consequência tem sua gênese nos fundamentos da linguagem.

Como os laços sociais é fundamentado na linguagem, cria-se uma espécie de laços discursivos que são concretizados em relacionamentos entre tempo e lugar, que são influenciados pela construção histórica do sujeito, que segue uma perspectiva e tendência discursiva de um tempo⁵.

Desta forma, temos os laços sociais como uma temática de importante reflexão no aspecto de configuração disso quando é atrelado ao campo político. Se olharmos as desigualdades sociais presente no Brasil historicamente, percebemos como este problema é atrelado uma cultura de opressão. Opressão esta que escravizou negros e índios de maneira inescrupulosa e retardou avanços sociais que pudessem minimizar esta ferida aberta na sociedade.

Nos últimos dias, circularam em redes sociais discursos de gestor das políticas sociais do Estado de São Paulo com posicionamento em relação às pessoas em situação de rua, “*as pessoas gostam de ficar na rua*”, e ainda acrescentou que “*elas têm que se conscientizar e sair dessa situação*”⁸.

Partindo desta fala, percebemos também que a relação do laço social diz respeito à política que implica uma relação com o outro e sua condição de sujeito desejante.⁵

Esta problemática que revela o conflito dos desejos, sobressaem em um aspecto importante de se notar nas relações sociais, pois é devido ao interesse e desejo do outro que consiste as ações entre sujeitos na sociedade. Desta forma, a vulnerabilidade social somente se alastra, pela indiferença ao outro e sua condição, pelo laço social constituído entre estes que basilarmente conduzirá somente ao próprio gozo.

O desamparo social é naturalizado, empobrecendo toda sua força discursiva e se agregando a um desamparo social conseguindo desta forma silenciar a pessoa em vulnerabilidade social que acaba deste modo sendo marginalizada socialmente⁵.

O desamparo, na psicanálise está correlacionado diretamente com o inconsciente e com a angústia, e se constitui a partir do momento que o indivíduo se insere no mundo da linguagem, transparecendo assim, uma falta fundamental que é essencial, ou seja, uma falta-a-ser, que cuidado algum pode suprir, já que [...] nenhuma linguagem pode dizer a última palavra sobre a verdade do ser [...].¹⁶

Freud⁹, em *Mal-estar na civilização*, afirma que a infelicidade e o mal-estar (e as situações de vulnerabilidade, potencialmente traumáticas) chegam aos seres humanos de três direções: da fragilidade e do sofrimento do próprio corpo; do mundo externo e das forças da natureza; e das insatisfações ou da violência desencadeadas pelas relações com os outros. Desamparo está no singular, pois se trata de um conceito metapsicológico e de uma condição estrutural primordial do ser humano. Já as vulnerabilidades são plurais, inúmeras, oriundas de ameaças que vêm de diferentes direções.

Sendo assim, uma reflexão sobre o capitalismo e real do sujeito se faz necessário neste momento de caos pandêmico, para conseguir entender como este sujeito marginalizado atravessa tempos tão perigosos em que se deve combater um inimigo invisível (covid-19), que por vezes é mais benevolente do que muitos sujeitos inseridos na sociedade na qual fazem parte.

O fator responsável pela humanidade do ser humano, nessa teoria psicopatológica da humanidade, seria a catástrofe, ou seja, a violência que ameaça a espécie vinda do exterior. É essa violência que permite a modificação de posição corporal e provoca a saída do estado edênico para o estado humano. (p. 15)

Os tempos estranhos. O indizível nos rodeia. O medo nos atravessa. A morte ronda ao lado. Vivemos o presente! Efeito traumático, um tempo único, tempo presente, que se repete¹¹.

Do inimigo invisível para o real do invisível

Para além, do quadro que assegura uma atenção à saúde dentro das unidades de saúde especializadas, ou seja, para além da atenção hospitalar para casos agravados de COVID-19, também se desenvolvem ações

que orientam a população e, estas, têm ganhado aspectos similares em diversos sistemas de saúde e de gestão. Algumas delas são o isolamento social, o distanciamento e o uso de máscaras e produtos de higiene, como álcool gel³.

No mundo atualmente, um vírus tem causado um grande caos social e isolado milhões de pessoas em suas casas pelo medo de contaminação e por um pensamento de bem-estar coletivo. No entanto, o que é um vírus invisível sem um corpo? A existência de um vírus que não é um real, nem um simbólico e muito menos um imaginário, se faz no mundo através da presença de um Outro. O outro é uma condicional de sua existência. E a partir de um corpo no real é que podemos concebê-lo no meio social. E os seus efeitos no laço social é um grande alvo de reflexão¹⁰.

Para Freud ([1926] 2010, p. 14-17), o sintoma, enquanto formação do inconsciente é resultado de um processo de repressão que converte em desprazer o prazer de satisfação esperado.¹¹

O real do vírus, o medo do contágio irá afetar o sujeito a partir de seus aspectos biológicos, mas também em seus aspectos sociais. Devido ao seu risco no real, ele estabelece novas normas sociais, modifica o comportamento humano e escancara as diferenças sociais que de maneira especial no Brasil existem há muito mais tempo.

Birman¹² reflete que:

na experiência da dor, o sujeito sem abertura para o outro fica entregue ao desolamento, não tendo possibilidade de realizar uma subjetivação possível para aquela experiência. Entregue ao seu solipsismo, o sujeito define na sua auto-suficiência, que o paralisa quase que completamente. Seriam essas a posição e a condição do sujeito na contemporaneidade, ficando à dedica nos fluxos e reflexos dos novos códigos de existência forjados pela mundiação. (p 144)

O vírus que provém da China e posteriormente atinge a Europa, chega ao Brasil possivelmente por meio de pessoas, que porventura viajaram para estes lugares e retornam ao país. Desta forma, o vírus inicia sua atuação no país nos lugares mais nobres do país. Foi um vírus considerado pelo senso comum, como uma “doença dos ricos” e desta forma, criou-se um pensamento coletivo na população que o vírus não podia chegar às comunidades.

De acordo com definição da Organização Mundial de Saúde (OMS), os determinantes sociais da saúde estão relacionados às condições em que uma pessoa vive e trabalha. Também podem ser considerados os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e fatores de risco à população, tais como moradia, alimentação, escolaridade, renda e emprego¹².

No primeiro boletim divulgado pela Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza, em 15 de abril, tinham 179 e 139 confirmações da doença COVID -19, e eram seguidos por Cocó (65), Fatima (42) e Dionísio Torres (39). já na publicação do Boletim de 13 de maio, os dados consolidam a conclusão de que a pandemia se somou aos já incontáveis castigos vivenciados pela pobreza na Capital. Apesar de não detalhar o número de confirmações por bairros, o boletim mostrou um crescimento exponencial dos óbitos em locais vulneráveis: a Barra do Ceará, por exemplo, aumentou em 7,5 vezes o número de mortes em menos de um mês, passando de seis para 45⁴.

Em texto reflexão sobre a COVID- 19 nos atuais dias, para o site da editora *acesso ler* Miriam Debieux Rosa¹³ pontua que:

“em tempos da peste que se propaga rapidamente e diante da qual não há remédio. A defesa possível para minorar a destruição será isolar-se em condições específicas de higiene, incrementar serviços de saúde, promover formas de sustento para todos que

precisarem ficar fora do trabalho. O país “descobre” que parte imensa da população não tem água encanada e esgoto, que mora em condições precárias e não tem meios para atender as medidas de proteção. Descobre seu velho e fraco governante, que busca tirar proveito da pandemia destacando que vai matar apenas os velhos, pobres e doentes, os descartáveis”

Este quadro desalentador é agravado pela crise da saúde pública, da falta de planejamento, de recursos humanos e financeiros, de pesquisa científica, entre outros fatores. . Seria viver o que o artista plástico Nuno Ramos (2020)¹⁵ denominou de duplo apocalipse: a pandemia e o desgoverno da necropolítica.

Considerações Finais

Tece-se nesse percurso uma costura teórico-conceitual vivida e registrada na história. Podemos inferir que a dor, o desamparo, o medo e as formas de enfrentamento individual e coletivo no enfrentamento à emergência da COVID -19, são espaços de compreensão do ser humano, e oportunidades fundantes para refletir práxis, sobretudo do profissional de psicologia nos atuais dias.

Consideramos que, acompanhar e avaliar alguns aspectos da atuação e reverberação desta pandemia nos sujeitos; tendo como pano de fundo o panorama cultural contemporâneo de intenso do imediatismo de respostas, satisfação, soluções, notícias um desafio extraordinário para desenho de cenários.

Prospectamos que haverá impacto direto e que a condição humana sofrerá, mas possível de ressignificação. Reflexões como essas são possibilidades de encontrarmos caminhos possíveis, ainda em meio à travessia de incertezas, para manter a organicidade da vida.

Referências:

¹ WHO. World Health Organization. Coronavirus disease 2019 (COVID-19) **Situation Report** – 52. World Health Organization, 2020. file:///C:/Users/leidy.abreu/Downloads/OMS-sitrep-52-covid-19.pdf. Citado em 18 de março de 2020.

² OMS. Organização Mundial da Saúde. Comitê de Emergência da OMS, **Declaração sobre a segunda reunião do Comitê de Emergência do Regulamento Sanitário Internacional** (2005) sobre o surto de novo coronavírus (COVID-19).

³ BRASIL. Ministério da Saúde. Brasil registra 438.23 casos confirmados de coronavírus e 26.764 mortes. Brasília. *Site Coronavírus Brasil*. 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>> Acesso em: 08.jul.2020.

⁴ FORTALEZA, **Boletim Epidemiológico** -Secretaria Municipal de Fortaleza- Ceará 03/07/2020 Disponível em <https://coronavirus.fortaleza.ce.gov.br/boletim-epidemiologico.html> Acesso em 06 jul. 2020

⁵ ROSA, M, D. **Os restos da ditadura em tempos de covid-19**. Disponível em: <https://www.allereditora.com.br/artigo-os-restos-da-ditadura-em-tempos-de-covid-19/> Acesso em 07. Jul.2020

⁶ LACAN, J. (1960/1991) **O Seminário livro 7: A Ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

⁷ LACAN, J. (1962-1963) **O Seminário 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Data de acesso: 04 de junho de 2020

⁸ PORTAL G1, Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/07/03/bia-doria-diz-que-nao-se-deve-donar-marmidas-para-moradores-de-rua-porque-eles-gostam-de-ficar-nas-ruas-e-um-atrativo.ghtml> Acesso em: 04.jul.2020

⁹ FREUD, S. (1996). *O mal-Estar na civilização* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929).

¹⁰ VIEIRA, R.C. Um vírus, o corpo e o inconsciente político. **Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise**. Disponível em: https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/04/18/um-virus-o-corpo-e-o-inconsciente-politico/ Acesso em 08. Jul.2020

¹¹ FREUD, S. (1926-1929), **Inibição, sintoma e angústia**, O Futuro de uma Ilusão e Outros Textos vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.13-123.

¹² BIRMAN, J. (2014). **O sujeito na contemporaneidade** (2a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

¹² CDSS - COMISSÃO PARA OS DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE. Redução das desigualdades no período de uma geração: igualdade na saúde através da ação sobre os seus determinantes sociais: relatório final. Genebra: OMS, 2010.

¹³ ROSA, Miriam Debieux. **Psicanálise, política e cultura: a clínica em face da dimensão sóciopolítica do sofrimento** / Miriam Debieux Rosa. - São Paulo, 2015. Disponível em: <https://psicanalisespolitica.files.wordpress.com/2014/06/psicanc3a1lise-cultura-e-polc3adtica-livre-docencia-maio-2015impresso.pdf> Acesso em 07. Jul.2020

¹⁴ FREUD, S. (1987). Neuroses de transferência: uma síntese. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

¹⁵ RAMOS, N. (2020). **Brasil enfrenta duplo apocalipse com Bolsonaro e coronavírus**, reflete Nuno Ramos. Folha de S.Paulo Recuperado em 31 maio 2020, de: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/05/brasil-enfrenta-duploapocalipse-com-bolsonaro-e-coronavirus-reflete-nuno-ramos.shtml>.

¹⁶ ROCHA, S. (1999) **Desamparo e metapsicologia**: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. Síntese - Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 26, n. 86, 331-346.

Como citar: Moreira FJF. O (in)visível no (in)visível: um olhar psicanalítico sobre a relação entre a pandemia de COVID-19 e a vulnerabilidade social. **Saúde em Redes**. 2021;7 (Supl.1). DOI: 10.18310/2446-48132021v7n1Sup.3370g797

Recebido em: 25/10/2020

Aprovado em: 10/09/2021